

10-2017

Os longos caminhos para a reconciliação e a paz

José Manuel Sabença

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana>

Recommended Citation

Sabença, J. M. (2017). Os longos caminhos para a reconciliação e a paz. *Missão Espiritana*, 27 (27). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana/vol27/iss27/118>

This Article is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Missão Espiritana by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

e alberga mais de 5 mil pessoas, que regular e activamente recebem a visita de um ou mais membros da comunidade espiritana. É um trabalho concretamente mais desenvolvido pelo P. Leonardo, responsável da comunidade, e cuja competência levou a ser escolhido pela Conferência Episcopal da Bolívia para liderar a Pastoral das Prisões a nível nacional. No centro social, entregue mais ao cuidado e orientação das leigas, especialmente a Maria Jesus que aí se encontra desde o princípio, procuram apoiar os mais pobres com medicina alternativa e ajudar na sua formação/ capacitação em vários domínios práticos.

Presença credível

O grau de aceitação da Congregação que pude reconhecer, tanto entre os leigos como junto de outras congregações masculinas e femininas, é sinal evidente de que nestes 10 anos de presença, os membros da Congregação que aí têm trabalhado, leigos e padres, embora não fossem muitos, conseguiram ser verdadeiros testemunhos do Evangelho e construtores da Igreja de Jesus Cristo. Só agora, passados 10 anos, a Congregação começa a pensar em alargar a sua presença no país, concretamente pela aceitação de alguns jovens candidatos à vida espiritana que entretanto vão aparecendo. Será certamente um novo passo para o qual é muito importante não só a solidificação da comunidade espiritana no local como toda a comunhão da Família Espiritana em oração, apoio e solidariedade. A Bolívia embora seja um país que poderia alimentar todos os seus habitantes, ainda tem 2 milhões de pessoas, cerca de 26% da população, que padecem fome.

A missão espiritana também já adoptou a Bolívia como sua terra porque ali vive o povo de Deus clamando por pão e por justiça e a Congregação não é indiferente a tais apelos.

‘Ação Missionária’, maio de 2013, p.4.

OS LONGOS CAMINHOS PARA A RECONCILIAÇÃO E A PAZ

O mundo tem de pôr a letras gordas na sua História este HOMEM. Quis apenas defender os mais elementares direitos humanos e foi preso pelo abominável regime do apartheid. Uma vez livre, atirou ao mar o desejo de vingança e fez o impossível para transformar a África do Sul no País “Arco-I-

ris”, com todas as raças, tribos, cores e religiões. Conseguiu o milagre, porque acreditou na reconciliação. No ano passado, porque tinha que passar na África do Sul, “obriguei” o P. J. Manuel Sabença a levar-me ao Soweto, aquele enorme bairro negro das periferias de Joanesburgo onde Mandela viveu e onde a luta contra o apartheid começou. Ali há lugares emblemáticos desta luta que se visitam como quem faz uma peregrinação a santuários da liberdade e do respeito pelos direitos humanos. Mas o que mais marca é a Casa-Mandela, onde ele viveu durante anos, sempre muito vigiado pela polícia. Ali se podem ver fotos de uma vida dedicada à liberdade e à democracia.

Alguém me dizia no Soweto que África só precisava de mais dois Mandelas para ser um paraíso. Eles não apareceram ainda e isso nota-se bem. Oxalá a morte deste grande estadista suscite ondas de dignidade e de respeito pelos direitos humanos. Ele – como disse D. Manuel Clemente – merece estar na História ao lado de homens como Gandhi e Luther King, por terem acreditado que era possível vencer-se sem recurso à força das armas. A “não-violência” será sempre a arma mais poderosa.

Construir o “país arco-iris”

Em 1992 vivia na África do Sul. Assisti e senti na pele as dificuldades do nascimento de um novo país, que, como novo não sabia andar e muitas vezes só chorava... mas poucos meses depois já estava de pé, andando, buscando novos caminhos e novos horizontes para o seu povo, ou melhor para os seus povos. Posso dizer que a “grande parteira” ou se quisermos a mãe e parteira deste novo país foi Nelson Mandela. Ele esteve esperando e sofrendo para que um dia isso fosse possível. E não foi pouco, podemos imaginar, o sofrimento do isolamento, o sofrimento de ver a sua gente espezinhada, o sofrimento de quem vê os anos passar e nada acontecer, mas foi nesse dia a dia de sofrimento que a esperança foi ganhando raízes para depois poder florescer como dom repartido por todos os povos da África do Sul. Por todos os povos porque sempre que da sua boca surgia uma palavra de paz, de respeito por todos, de construção de um novo país, Nelson Mandela estava a dizer que não queria o conflito, a guerra ou a vingança. E, não foi fácil, para Mandela, contrariar e acalmar todos aqueles que queriam fazer justiça pelas próprias mãos e expulsar, espezinhar, matar, como tanto lhes tinha sido feito, no passado.

Pedagogo da paz

Mandela manteve-se firme e tornou-se um grande educador para a paz através da democracia. Havia conflitos políticos mas que, pouco a pouco,

se foram esvaziando pela via da democracia e do compromisso político. Neste serviço da educação não escolheu uns e abandonou outros. Pelo contrário, uniu-se a todos, pessoas e instituições, que se quiseram comprometer neste grande projecto nacional de construir a paz, pela democracia. Igrejas e individualidades se uniram na oração e na formação para ensinar e formar para a democracia. Mandela, o grande mestre, soube aceitar o contributo de todos neste parto da Nova África do Sul., o chamado país “arco-iris”. E curiosamente não ficou ali, sentado à sombra da sua autoridade moral, a governar determinadamente. Como bom pai que sabe educar, depressa lança seus filhos ao trabalho, permanecendo certamente como um grande conselheiro. De parteira a conselheiro, de educador a mestre, Nelson Mandela merece a nossa estima como líder mundial que a história se encarregará de recordar não tanto pelos anos intermináveis de governo – como tantos outros políticos africanos que a história depressa esquecerá – mas sim pela sua história de vida que soube transformar em história de libertação e de paz para um país inteiro. Oxalá a sua memória viva ajude a África do Sul a manter-se como um país de respeito pela diversidade de cada um, um país onde os direitos humanos são respeitados e onde só pela democracia se poderá governar e esse governo, procure antes de mais, o bem comum em favor do povo.

Observar eleições

Em 1994, assisti às primeiras eleições livres como observador internacional. Bendita a hora em que foi permitido ver tantas filas de gente que esperavam horas, em longas filas, para votar pela primeira vez. A alegria daquele momento contrasta agora com a tristeza da partida de Mandela, mas os povos sul-africanos saberão tirar deste momento a lição para a sua história presente e futura: democracia sim, opressão e ditadura não. Racismo – de qualquer espécie – nunca mais!

Se todos os estadistas que foram à África do Sul para as exéquias de Mandela, aprenderem algo da sua vida e acção política, certamente que este mundo poderá ser melhor... por causa do exemplo de Mandela!

A todos os sul-africanos, com quem tive a alegria de partilhar tantos momentos felizes, saúdo nesta hora em que Nelson Mandela, pela sua partida, nos convida a substituí-lo no respeito pelo outro e na construção de um mundo melhor. Abraço. Salaani kahle.

‘Ação Missionária’, janeiro de 2014, pp. 6-7.